**ENTRELAÇAMENTO ENTRE A INVISIBILIDADE E O QUESTIONAMENTO SOBRE A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO**

Resumo: O artigo é fruto da articulação entre narrativas de pessoas em duas pesquisas em andamento. A primeira, pesquisa de doutoramento que visa recuperar a história e a memória do Movimento de Educação de Jovens e Adultos (MOVA), em Angra dos Reis, na década de 1990. O objeto de pesquisa conduziu-me ao encontro de alguns achados que interrogaram-me e se potencializaram ao me deparar com sujeitos da segunda pesquisa. Pensar sobre como “ler” os materiais e desenvolver processos de aproximação definiram caminhos metodológicos em diálogo entre pesquisas, o que permitiu, também, tomar decisões em relação a procedimentos de coleta e análise de dados. Nas duas, os sujeitos quase invisíveis tiveram trajetórias de vida marcadas pela interdição ao direito à educação. Revelam táticas, saberes, dores de como viveram a interdição e desnudam a face cruel da falta de políticas públicas.

Palavras-chave: invisibilidade, interdição ao direito, educação de jovens e adultos, MOVA.

**O primeiro fio: MOVA Angra**

Em 1991, na primeira gestão do governo do Partido dos Trabalhadores (PT) em Angra dos Reis (AR), criou-se o projeto MOVA Angra. Um projeto de educação popular inspirado no de São Paulo, criado por Paulo Freire quando na prefeitura paulistana. Constituiu política pública que envolveu a participação de movimentos sociais ativos no município. O entendimento da educação como direito de todos significava garantir o acesso de jovens, adultos e idosos da classe trabalhadora que tiveram o direito interditado ao longo da vida. Diferentemente de São Paulo, onde o MOVA surge de demanda de movimentos sociais, em AR surge como política pública formulada pelo Estado.

[...] a criação do MOVA é reveladora de um processo muito interessante que há algum tempo vinha se desenhando na cidade de Angra dos Reis que é a organização da sociedade civil. [...] cujos sujeitos que o ocupam são oriundos da organização da sociedade civil, que por sua vez possibilitou a conquista do aparelho local de Estado. (Sales, 1998, p.03).

O projeto caracterizou-se como processo de alfabetização comprometido com a cidadania, com a democratização do acesso à educação e com o direito, garantindo a inclusão de sujeitos invisibilizados até então. O viés político passava pela noção de direitos, pelo reconhecimento da cidadania, de inclusão em processos políticos, sociais e culturais. O esforço para evitar o *desperdício de experiência* (Santos, 2004) e a invisibilidade de outras formas de produzir conhecimento não legitimado que ignora *o saber de experiência feito* (Freire, 1987, p. 29) ganham estatuto especial e se revelam no volume de produção escrita e imagética.

**O segundo fio: pesquisa em grupo**

Participo da pesquisa *Mídias na pesquisa Constelações analíticas do direito à educação em contextos históricos: revelações de sentidos e efeitos na dignidade humana?* realizada pelo grupo de pesquisa CNPq *Aprendizados ao longo da vida*. O grupo de pesquisa tem formação bastante diversa, o que permite riqueza no intercâmbio de saberes e experiências.

Fui levada ao grupo pelo interesse na educação de jovens e adultos (EJA) e pelo desejo de me instrumentalizar para recuperar o projeto MOVA/Angra. Nos primeiros encontros, descobri uma rede de outras questões que trançavam, junto às minhas, uma trama inspiradora. A pesquisa em realização afetava o objeto que elegera estudar. Mergulhava numa rede de novos fazeres, de intrigantes diálogos, de novos interlocutores.

Quando entrei, o grupo concluía um trabalho de campo. Havia farto material para ser trabalhado. Mergulhei na leitura de relatórios, assisti vídeos de entrevistas e logo me incluí em um grupo de trabalho. Roteirizar um vídeo foi o primeiro desafio.  Os encontros, remotos por conta da pandemia, foram ricos em orientações. Conversamos, discordamos, levantamos questões, lemos e relemos relatórios de campo, revisitamos transcrições de gravações, estudamos muito. Trocamos experiências, ouvimos orientações, erramos e acertamos. O roteiro foi escrito, o vídeo foi produzido. O conhecimento tecido em redes, as leituras favoreceram novos engendramentos, outras tessituras. A conexão entre teoria e prática aconteceu sem separar o movimento de teorizar e o de ir à prática: teorizamos praticando e praticamos teorizando.

**Questões mobilizadoras e caminhos metodológicos**

Enquanto esse processo ocorria, recebi uma caixa com materiais escritos, fotografias, documentos do MOVA. Dei-me conta que guardara tantos outros, com alguns repercutindo em minha prática. Abri a caixa que recebera, questionamentos voltaram: que conhecimentos estão perdidos, ignorados pelo desconhecimento dessa experiência? Que potencial contêm para pensar a EJA? Que contribuições podem oferecer para a formação docente?

O MOVA produziu, ao longo da história, documentos não sistematizados e analisados, com risco de desaparecimento. Um pedaço da história da educação popular ficará mais pobre.

O desejo de pesquisar se agudizou, suscitado por reflexões sobre modos de aprender e de estar no mundo dos sujeitos interditados do direito à educação. A tessitura de conhecimento em rede (Alves, Oliveira, 2001) me ajuda a dialogar com esses saberes, ao reconhecer e valorizar interações e conexões entre diferentes sujeitos e saberes, considerando a pluralidade de caminhos de produção de conhecimentos. Nessa ideia cabe a inconclusão, desenvolvida por Freire (1996), pelo entendimento do ser em constante movimento de aprender em processos sociais, em busca de compreensão de si e do mundo. Sujeitos em práticas cotidianas, em diversas relações estabelecidas, movidos pela curiosidade, buscam conhecimentos, compreensão de mundo e possibilidades de inserção em novos contextos. A pesquisa que se inicia dialoga com essas noções que se entrelaçam e se desenvolvem nas interações da pesquisadora com o objeto de pesquisa. A entrevista compreensiva de Kaufmann (2013) oferece um roteiro desafiador que permite maior aproximação entre sujeitos, criando ambientes propícios para a tessitura de conhecimentos, ao favorecer a construção de diálogos abertos e reflexivos.

**O poeta e o agricultor**

Sr. Sebastião foi aluno do MOVA. Poeta, com um sonho: conseguir prender suas ideias para que não fugissem. Era conhecido por sua capacidade de transformar o cotidiano em versos, que acabavam se perdendo ao vento, se embaralhando com outras histórias. Alfabetizou-se e conseguiu realizar seu sonho: prendeu suas ideias em um livro.

Sr. Sebastião escreveu seus pontos de vista do cotidiano e assim revelou sua produção de conhecimento. Os versos carregam marcas da oralidade e dão a conhecer seu modo de ser e de estar no mundo. Sua memória, sua relação com os outros e com o mundo criam a materialidade que ganha forma de versos. Registra com orgulho sua experiência de alfabetização marcada pelo projeto de educação popular que viabilizou seu desejo e o direito de escrever tudo aquilo que pensava sobre o mundo. Portador de conhecimentos e de saberes, revelou sentidos da própria vida, suas *táticas* de viver, de enfrentar adversidades. Sr. Sebastião tomou a palavra e se reinventou como sujeito de linguagem. Seu livro é um artefato da memória de um tempo, de um lugar.

Sr. Júlio é o outro sujeito com quem dialoguei ao roteirizar sua entrevista. Vida marcada pela ausência de políticas públicas para famílias em situação de vulnerabilidade, o que lhe negou o direito à educação e à infância. Órfão de pai aos 8 anos, abandonou os estudos para ajudar a sustentar a família. Realizou trabalho pesado desde a infância*.* Revelou constrangido a falta que o estudo faz em sua vida. Um simples ato de pegar um ônibus, por exemplo, carece do apoio de alguém. Ver ônibus passando e não saber qual o que deve pegar, é *muito triste,* afirma. A tristeza vai ao encontro dos conceitos de dor e sofrimento ético-político formulados por Sawaia (2009): da percepção da situação de exclusão, de injustiça social vivenciada que mutila a vida de diferentes formas.

Desconsiderando o contexto histórico, político e social em que vivia, culpabiliza-se por não ter estudado, atribuindo a atitude de não buscar a escola, ao pouco esclarecimento sobre a falta de estudo. Assumiu a responsabilidade da exclusão de que foi vítima sem fazer crítica, sem perceber-se como sujeito de direitos. Freire (1981) afirma que ninguém é analfabeto por escolha, mas como consequência de condições objetivas em que se encontra. Sr. Júlio, ao narrar sua história, anuncia que não escolheu para si essa condição.

Os saberes produzidos ao longo de sua vida refletem seu modo de estar no mundo. Referindo-se aos conhecimentos tecidos em atividades de obra, um dos muitos trabalhos que realizou, anuncia que este não exigia leitura. O descrédito que caracteriza seu saber, repercute a compreensão hegemônica de que o saber, forjado na vida prática, não tem valor. Ecoa o olhar do colonizador, de desqualificação e invisibilização de seu próprio saber, desprezando a condição de sujeito histórico, curioso, que produz saberes incessantemente, com os quais intervimos, problematizamos, transformamos o mundo que criamos.

A conquista do sonho de Sr. Sebastião simbolizado pelo livro de poesias lhe conferiu o direito de registrar suas palavras. A oportunidade de retornar aos bancos escolares foi-lhe dada pela participação no MOVA, experiência de alfabetização na qual aprendeu a *prender ideias para elas não fugirem.* Ficaram presas em seu livro.

Processos educativos, no entanto, não se restringem a espaços escolares, visto que acontecem na sociedade, nas relações com os outros e com o mundo, ao longo de toda a vida. Os conhecimentos tecidos nos diferentes *espaçostempos* estão intimamente ligados à leitura e à intervenção no mundo. Exemplificam a capacidade humana de criação, de tecer sentidos e modos de ser e estar no mundo. Reafirmam o conceito de inacabamento de Freire (1996), ao confirmar conquistas por meio da ação e diálogo com o mundo, com a história e pela capacidade de se reinventar.

Ao contar sua história, Sr. Júlio fala de *saberes de experiência feitos.* No momento da entrevista, era agricultor familiar. Seu processo educativo acontece no movimento de se inserir no mundo, de transformar sua realidade. Revelava a *boniteza* de que fala Freire (1996, p. 35), ao traduzi-la como “[...] capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo”*.*

Sr. Sebastião lançou seu livro com sua história; Sr. Júlio registrou sua história em vídeo. Ambos questionam processos de educação, desnudando fazeres e saberes que permitiram avançar no (re)pensar a EJA como possibilidade de tessitura de conhecimento em rede e de valorização de saberes forjados no cotidiano.

**Referências**

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Contar o passado, analisar o presente e sonhar o futuro. *In:* **Pesquisa no/do cotidiano das escolas** — sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Arte de fazer. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Paz e Terra. 1996.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva**: um guia para a pesquisa de campo. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, Alagoas: Edufal, 2013.

SALES, Sandra Regina. A relação sociedade política e sociedade civil no MOVA de Angra dos Reis: fortalecimento ou cooptação?Dissertação deMestrado em Educação. UFF, Niterói. Biblioteca Central do Gragoatá, 1998.

SAWAIA, Bader B. (org.). O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. *In:* **As artimanhas da exclusão**. Análise psicossocial e ética da desigualdade social. 9. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *In*: **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez, 2004.